

Explorando a cartografia

Um estudo sobre as ocupações secundaristas

Carolina Simões Pacheco
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Resumo: *A maioria das pesquisas nas ciências sociais assumem caráter qualitativo ao tratar a temática dos movimentos sociais. Buscando contribuir para o desenvolvimento de pesquisas quantitativas e que promovam a interdisciplinaridade, desenvolvemos um projeto cartográfico das ocupações secundaristas que aconteceram no Paraná, em 2016. Para tanto, situamos o movimento estudantil como juvenil e descrevemos a atuação política dos secundaristas brasileiros. Averiguamos, posteriormente, a relação dos colégios ocupados e desenvolvemos mapas do contingente de ocupações. Observamos a concentração de ocupações nos maiores municípios do estado e, simultaneamente, o caráter descentralizado do movimento. Por fim, adotamos a metodologia proposta pelo IBGE, que divide os estados em Regiões Geográficas Intermediárias. Nesse contexto, essa divisão se mostrou eficiente para a compreensão socioespacial das ocupações, podendo ser aplicada no estudo de movimentos contestatórios.*

Palavras-chave: cartografia, sociologia, movimento político, movimento juvenil, movimento estudantil

Abstract: *Most research in the social sciences assumes a qualitative character when dealing with the theme of social movements. Aiming to contribute to the development of quantitative research and to promote interdisciplinarity, we developed a cartographic project of high school occupations that occurred in Paraná in 2016. To achieve this, we situate the student movement as a youth movement and describe the political action of Brazilian high school students. We then verify the list of occupied schools and developed maps of the numbers of occupations. We observe the concentration of occupations in the largest municipalities of the state and, simultaneously, the decentralized character of the movement. Finally, we adopt the methodology proposed by IBGE, which divides the states into Intermediate Geographic Regions. In this context, this division has proved to be efficient for the sociospatial understanding of occupations and can be applied to the analysis of contestatory movements.*

Keywords: cartography, sociology, political movements, youth movements, student movements

Resumen: *La mayoría de las investigaciones en las ciencias sociales adquieren un carácter cualitativo cuando se trata del tema de los movimientos sociales. Con el objetivo de contribuir al desarrollo de una investigación cuantitativa y que promueva la interdisciplinariedad, desarrollamos un proyecto cartográfico de las ocupaciones de escuelas secundarias que tuvieron lugar en Paraná en 2016. Para este fin, situamos el movimiento estudiantil y juvenil y describimos la acción política de los estudiantes de la escuela secundaria brasileña. Más tarde*

verificamos la lista de escuelas ocupadas y desarrollamos mapas del contingente de ocupaciones. Observamos la concentración de las ocupaciones en los mayores municipios del estado y, simultáneamente, el carácter descentralizado del movimiento. Finalmente, adoptamos la metodología propuesta por el IBGE, que divide los estados en regiones geográficas intermedias. En este contexto, esta división demostró ser eficaz para la comprensión socioespacial de las ocupaciones, y podría aplicarse en el estudio de los movimientos contestatarios.

Palabras-clave: cartografía, sociología, movimiento político, movimiento juvenil, movimiento estudiantil

Introdução

Os estudos sobre movimentos sociais, na Sociologia, são bastante diversos e podemos afirmar que as escolhas metodológicas (Becker, 1993), de grande parte deles, assumem caráter qualitativo (Martins, 2004). Destacamos as entrevistas, análises de discurso e de redes sociais/midiáticas (Quivy, 2005), bem como a observação participante (Wacquant, 2002) como ferramentas comumente utilizadas. Estas aparecem em estudos canônicos como o acionalista, de Alain Touraine (Peralva, 2019); na sociologia reflexiva acerca do cotidiano, proposta por Alberto Melucci (1996); bem como na teoria do confronto político, desenvolvida por Sidney Tarrow (Alonso/Botelho, 2012; Araújo/Lima, 2010) e Charles Tilly – ao tratar as estruturas, as oportunidades políticas, os repertórios confrontacionais e as performances dos movimentos sociais (Alonso, 2012; Bringel, 2011, 2012).

Por sua vez, os estudos quantitativos acerca de movimentos sociais, em geral, versam sobre graus de institucionalização e sobre a relação desses movimentos com o Estado (Carlos, 2017). Podemos afirmar que priorizam análises estatísticas (Barbetta, 2002), o uso de softwares e surveys (Babbie, 1999) e estudos de caso (Steiner, 2011). Destacamos, como exemplos, os estudos de André Singer (2013) sobre as Jornadas de Junho de 2013 e de Teresa Sacchet (2009) sobre as esferas de participação relacionadas ao gênero.

O presente trabalho pretende se somar aos estudos da temática, contudo, adotamos um recurso metodológico pouco usual nas Ciências Sociais e, mais especificamente, na Sociologia. Propomos a análise de um movimento-rede, protagonizado por jovens estudantes secundaristas, por meio da sistematização de dados quantitativos e da elaboração de um projeto cartográfico das ocupações. A Cartografia faz parte, em grande medida, dos estudos da Geografia, e autores e autoras como Carlos Porto Gonçalves (2006), Katielle Silva (2012) e Breno Bringel (2007) apontam a dificuldade de utilizar tal recurso em análises de movimentos sociais, de maneira interdisciplinar.

Refletiremos, neste trabalho, sobre as ocupações de alunos secundaristas que aconteceram no Paraná, em 2016 (Costa/Grosso, 2018; Pacheco, 2018; Schmidt/Divardim/Sobanski, 2016). Nossa análise partirá, para tanto, da contextualização dos jovens como sujeitos de direitos no Brasil, seguida por uma breve retomada das manifestações protagonizadas pelo movimento estudiantil secundarista e pela apresentação das mobilizações juvenis atuais enquanto movimentos-rede (Reguillo, 2017), a fim de situar as ocupações. Posteriormente, realizaremos um estudo quantitativo deste movimento contestatório, em que nos debruçaremos sobre dados referentes ao contingente de ocupações. Tais dados foram sistematizados a partir de uma lista das instituições de ensino ocupadas em 2016, divulgada pela União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES). Por fim,

elaboraremos um projeto cartográfico, com o objetivo de analisar este movimento a partir de sua distribuição espacial (Mattar, 2019; Mascarello/Santos/Barbosa, 2018; Santos, 1997).

Destacamos que este artigo sintetiza resultados parciais de uma pesquisa em desenvolvimento. Acreditamos que a publicação destes resultados é pertinente pois ainda não há mapas publicados sobre as ocupações de alunos secundaristas. Evidenciamos, ainda, que a adoção da divisão do mapa, baseada nas Regiões Geográficas Intermediárias, proposta pelo IBGE, mostrou-se relevante para a análise da mobilização política. Isso porque esta divisão expressa a organização espacial do estado adotando critérios sociais, políticos e econômicos, e define municípios de referência que, como veremos adiante, são os mesmos em que houve a concentração de colégios ocupados. Com isso, foi possível delimitar o recorte de pesquisa e definir uma amostragem representativa de um processo de mobilização que, aparentemente, foi disperso e espontâneo, mas que, como veremos, dá sinais de que se constituiu como uma rede de mobilização. Refletiremos, ainda, sobre a possibilidade de identificação dos ‘fios’ que compõem essa rede, apontando para os resultados parciais identificados, em que observamos algumas das táticas utilizadas pelos jovens secundaristas na transmissão de informações e articulação das ocupações dos alunos secundaristas.

Os jovens estudantes secundaristas e as ocupações estudantis

A juventude no Brasil atuou em processos políticos, sociais e culturais amplos em toda a nossa história, no entanto, somente na década de 1980 foi reconhecida como uma categoria com ‘condição’ própria e demandas específicas. A partir da Constituição Federal de 1988 e da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, a juventude passou a ser considerada sujeito de direito e, neste mesmo período, movimentos juvenis ganharam notoriedade (Novaes, 2013).

Os e as jovens protagonizaram mobilizações políticas importantes ao longo dos últimos anos no Brasil, reivindicando a efetivação desses direitos e o reconhecimento da juventude como um ator político relevante no cenário brasileiro. Neste trabalho, abordaremos a ação dos e das jovens estudantes secundaristas que em 2016 ocuparam seus colégios. Para tanto, partiremos da definição de juventudes, no plural, proposta por Juez Dayrell e Paulo Carrano (2014):

Além das marcas da diversidade cultural e das desiguais condições de acesso aos bens econômicos, educacionais e culturais, a juventude é uma categoria dinâmica. Ela é transformada no contexto das mudanças sociais que vêm ocorrendo ao longo da história. Na realidade, não há tanto uma juventude, e sim, jovens enquanto sujeitos que a experimentam e a sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem e, assim, elaboram determinados modos de ser jovem. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existente. (Dayrell/Carrano, 2014: 110)

Assumimos, portanto, que as juventudes são múltiplas, devido às diferenças sociais, políticas, econômicas, educacionais, territoriais e culturais que perpassam suas experiências enquanto jovens. Adotamos, ainda, a definição de ‘movimento-rede’, proposta por Rossana Reguillo (2017), para caracterizar as ocupações de estudantes secundaristas como

revoltas da imaginação, como expressões contemporâneas do mal estar coletivo, [que] são simultaneamente redes de atualização expressiva, estratégias de produção de presença e sentido, reconfigurações dos imaginários de futuro, sujeitos-rede, corpos afetados, palavras

que nascem de outros mundos, processos que subtraem da narrativa dominante outros e mais potentes, mas incômodos modos de representação. (Reguillo, 2017: 189)

As ocupações de estudantes secundaristas podem ser compreendidas como um ‘movimento-rede’, pois se inserem no bojo da organização estudantil dos protestos juvenis contemporâneos. As ocupações dialogaram com o movimento estudantil tradicional, porque as entidades estudantis compuseram as ocupações em diversos lugares, mas, ao mesmo tempo, elas podem ser caracterizadas como um protesto político inovador. A novidade instaurada pelas ocupações se relaciona com as revoltas juvenis contemporâneas, organizadas através de manifestações políticas online e nas ruas, em redes de relações configuracionais, e não mais afiliativas, que enunciam novas possibilidades de futuro e podem ser compreendidas como zonas de intensificação afetiva, como propõe Reguillo (2017).

Vale destacar, ainda, que o protagonismo juvenil na política brasileira tem ganhado destaque nos últimos anos, principalmente depois das Jornadas de Junho de 2013. Isso porque houve a participação expressiva de estudantes, universitários e secundaristas, organizados nas entidades representativas e independentes. As Jornadas de Junho de 2013 foram manifestações majoritariamente constituídas por jovens, que inauguraram um novo período político no Brasil, em que a polarização política e a ascensão do conservadorismo e do neoliberalismo se evidenciaram. Surgiram, após as Jornadas de Junho, coletivos juvenis marcadamente conservadores e neoliberais (Amaral, 2016; Singer, 2013) e, na contramão desses ‘novos movimentos’ de direita, houve, ainda, manifestações juvenis marcadamente críticas ao atual cenário político. Os e as estudantes secundaristas se destacaram assim, ao se mobilizar em oposição a medidas de precarização da educação, em que reivindicaram maior participação e a efetivação da gestão escolar democrática (Dayrell/Carrano, 2014). Secundaristas tiveram ainda mais proeminência nos últimos anos, ao incorporar uma ‘nova’ tática política ao seu repertório de ação coletiva: as ocupações das instituições de ensino.

As ocupações até então constituíam o repertório (Tilly *apud* Alonso, 2012) mobilizado comumente pelos estudantes universitários. Em 2012, no entanto, estudantes secundaristas ocuparam seu colégio, na área rural de Nova Andradina, Mato Grosso do Sul, em oposição a decisões governamentais de âmbito estadual (O Mal-Educado, 2015). Já no início de 2015, houve ocupações secundaristas no Espírito Santo (Stocco/Moraes, 2018), em oposição ao Projeto de Lei Complementar Escola Viva, que propunha a reorganização das escolas públicas estaduais. Ainda em 2015, estudantes secundaristas do estado de São Paulo ocuparam mais de duzentos colégios, em oposição à proposta de reorganização escolar do Governo do Estado (Campos/Medeiros/Ribeiro, 2016). Houve, ademais, ocupações de aproximadamente 70 instituições de ensino no estado do Rio de Janeiro, 27 ocupações no estado do Ceará (Ximenes et al., 2016) e dez em Goiás, ainda no ano de 2015. Essas, por sua vez, se opunham ao ‘fechamento das escolas de período integral; [a] transferência da administração de algumas escolas públicas para as Organizações Sociais [...]; e de outras para a Secretaria de Segurança Pública [...] que dava aos militares a direção das escolas’ (Silva/Mei, 2017).

No início de 2016, houve uma série de ocupações em diferentes estados brasileiros. Na capital mineira, estudantes ocuparam um colégio, contrários à proposta de coabitação de sua escola com a escola militar do estado, segundo Araújo (2016). No município de Maringá, no Paraná, estudantes secundaristas ocuparam três colégios, em maio, como forma de denúncia pela falta de merenda escolar (Hoshino, 2016). No Rio Grande do Sul, houve cerca de 158 ocupações entre maio e junho, em oposição a medidas privatizantes do governo estadual e ao

projeto Escola Sem Partido, além de manifestação de apoio à greve dos servidores estaduais (Grosso/Silva, 2020). No Mato Grosso, cerca de 22 colégios foram ocupados em junho contra a parceria público-privada proposta pelo governo do estado (Bradock, 2016). Além dessas, houve uma ocupação na Bahia e no Pará, ainda no primeiro semestre de 2016, reivindicando melhorias estruturais e democracia na gestão escolar (UBES, 2016a). Já no segundo semestre de 2016, estudantes paranaenses ocuparam um colégio em agosto, no município de Ponta Grossa, reivindicando reformas estruturais na escola (APP-Sindicato, 2016). Podemos afirmar que essas mobilizações adotaram a mesma tática política, mas que possuíam, como demonstrado, pautas diversas, relacionadas às questões estaduais e locais.

O movimento cresceu de maneira unificada, no entanto, a partir de outubro, quando estudantes ocuparam seus colégios em oposição às propostas do Governo Federal de Reforma do Ensino Médio (MP 746) e de contingenciamento orçamentário (PEC55) (Costa/Grosso, 2018; Pacheco, 2018; Schmidt/Divardim/Sobanski, 2016). A primeira ocupação aconteceu no município de São José dos Pinhais – região metropolitana de Curitiba, Paraná – no dia 3 de outubro de 2016 e, rapidamente, os colégios passaram a ser ocupados em outros municípios paranaenses, bem como em outros estados do país. O número de colégios e Institutos Federais ocupados foi de 1.074, distribuídos por Paraná (842), Minas Gerais (76), Espírito Santo (24), Rio Grande do Sul (14), Rio Grande do Norte (13), Bahia (12), Goiás (12), Distrito Federal (12), Alagoas (10), Santa Catarina (10), Pernambuco (8), São Paulo (6), Rio de Janeiro (6), Maranhão (5), Pará (4), Mato Grosso (3), Paraíba (3), Rondônia (2), Ceará (1), Sergipe (1), Tocantins (1). Além dessas, 123 Universidades Estaduais e Federais foram ocupadas em todo o país em 2016, ao final da onda de ocupações dos colégios, sendo 21 dessas instituições de ensino superior localizadas no Paraná (UBES, 2016b).

As ocupações foram o maior processo de mobilização de estudantes secundaristas do Brasil. As entidades representativas participaram das ocupações, no entanto, elas tiveram, de maneira geral, um caráter independente, com formas de participação direta, e conflitos explícitos com o modelo representativo. Foram, também, uma manifestação política massiva dos secundaristas que contou com a participação de universitários. Ressaltamos ainda que, apesar das medidas governamentais terem sido aprovadas, o movimento de ocupações é descrito como um momento de fortalecimento de vínculos afetivos e de transformação das experiências estudantis (Costa/Grosso, 2018; Pacheco, 2018; Schmidt/Divardim/Sobanski, 2016).

Destacamos, por fim, o caráter interseccional das ocupações, pois foram constituídas, majoritariamente, por mulheres, negras e negros, LGBTQI's e estudantes trabalhadores (Davis, 2016). Nesse processo de mobilização, as e os secundaristas que se identificavam como 'ocupas' desvelaram as opressões estruturadas no cotidiano escolar e construíram novas formas de identificação, afetividade e sociabilidade, conformando novas experiências enquanto jovens. Tais experiências e afetos podem ser descritas, neste sentido, como constituintes do engajamento político (Reguillo, 2017; Didi-Huberman, 2016; Vidrio, 2016; Thompson, 1981).

Metodologia

Neste artigo, utilizamos a metodologia quantitativa, em que pese o estudo de caso (Steiner, 2011), para análise da distribuição socioespacial das instituições de ensino ocupadas por estudantes secundaristas no Paraná, em 2016. Essa abordagem tem

como objetivo, de maneira geral, desenvolver uma análise cartográfica acerca das ocupações secundaristas (Mascarello/Santos/Barbosa, 2018; Garbin et al., 2012). Para tanto, o desenvolvimento desta pesquisa foi realizado em duas etapas, com as seguintes técnicas e instrumentos:

- a) coleta de dados: análise de documentos e pesquisa em sítios da Internet; definição da relação de escolas ocupadas;
- b) desenvolvimento de projeto cartográfico: para a representação das ocupações no estado do Paraná, utilizando softwares específicos para a geração de mapas e localização de elementos geográficos (Google Earth Pro e ArcGIS 10.5 [ESRI]).

Coleta de dados na internet

Na primeira etapa da coleta de dados, a Internet foi a ferramenta de busca central de informações acerca das ocupações que aconteceram no Paraná, em 2016.

As redes sociais são alvo de diversas pesquisas que versam principalmente sobre este universo como significante para as experiências e para o estabelecimento de redes que inauguram novas formas de ação política. Neste trabalho, analisaremos as ocupações das escolas públicas como um movimento em rede (Castells, 2013; Reguillo, 2017), tanto por sua configuração interna, de crescimento, em que a tática utilizada por ocupantes foi disseminada através de visitas em escolas ocupadas, da internet e das comunidades escolares; como pelo fato de se reconhecerem como um movimento horizontal e descentralizado, em que a comunicação entre as diferentes ocupações aconteceu por grupos de Whatsapp e pelas redes sociais, em especial, o Facebook (Costa/Grosso, 2018; Pacheco, 2018).

A análise destas redes on-line de interação e propaganda de ocupações pode ser, ela mesma, um trabalho a ser desenvolvido acerca deste processo de mobilização. Destacamos sua existência, sem pretensão de adentrar a temática, no entanto, para situar o lugar (virtual) em que encontramos a relação das instituições de ensino ocupadas no estado do Paraná: este dado estava disponível no site da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES) que, no dia 28 de outubro de 2016, disponibilizou uma lista com 1197 instituições de ensino ocupadas em todo o país (UBES, 2016b). Esta lista serviu de base para o presente trabalho, e, após averiguação de dados, foi possível identificar um total de 842 instituições de ensino secundaristas ocupadas no Paraná.

Desenvolvimento de projeto cartográfico

A segunda parte do artigo é composta pelo desenvolvimento de projeto cartográfico (Garbin et al., 2012) para a representação das ocupações no estado do Paraná. Para a elaboração dos mapas, inserimos manualmente as informações acerca das instituições de ensino ocupadas no Google Earth Pro, a fim de obtermos os endereços destas em arquivos no formato KML. Esses arquivos, por sua vez, foram utilizados como base para a geração de mapas no programa ArcGIS 10.5. Definimos como critério norteador a ser representado no projeto cartográfico a espacialização das ocupações, que destaca a intensidade de ocupações nos diferentes municípios do estado. O resultado inicial alcançado é representado na Figura 1.

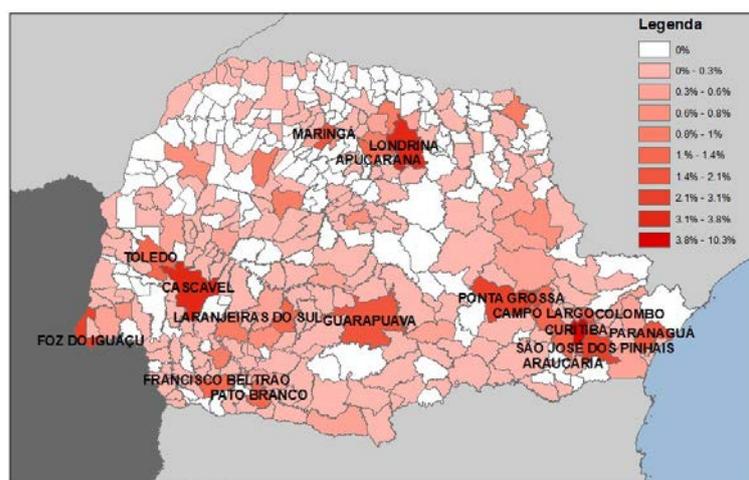


Figura 1: Total de colégios ocupados por município.

Após a identificação de uma concentração de ocupações nos grandes centros urbanos paranaenses, refletimos sobre esse dado e decidimos analisar o mapa através da metodologia proposta pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de Regiões Intermediárias e Imediatas:

As Regiões Geográficas Imediatas correspondem às áreas que procuram centros urbanos próximos para satisfação de necessidades imediatas como emprego, saúde, educação, compras de bens de consumo e prestação de serviços públicos. Já as Regiões Geográficas Intermediárias organizam as Imediatas no território a partir de uma região que oferece serviços mais complexos como serviços médicos especializados ou grandes universidades. (Loschi/Ferreira, 2017)

A divisão por Regiões Intermediárias, utilizada pelo IBGE desde 2017, enfatiza o papel de destaque e autonomia dos municípios, resultado da Constituição de 1988. Além disso, ao tratar das Regiões Intermediárias, considera a influência que determinados municípios exercem em sua região, seja por oferta de serviços específicos, como na área da saúde, seja pela concentração de setores industriais. Destacamos, aqui, a referência às universidades como importantes para a configuração dessa divisão. Segundo o IBGE, ainda, essa valorização dos municípios e Regiões Imediatas e das redes estabelecidas entre elas em Regiões Intermediárias diz respeito ao reconhecimento das tessituras locais em meio ao cenário globalizado:

Em termos teórico-metodológicos, a revalorização da dimensão regional, aqui tratada na perspectiva da rede urbana brasileira, constitui um ponto chave de manutenção da coesão territorial de grandes federações como o Brasil, notadamente em um cenário geopolítico pautado, nesse início de século, pela tensão existente entre as forças da globalização e aquelas alinhadas a projetos locais. Com efeito, a rede urbana brasileira, juntamente com a infraestrutura que interliga essa rede, constitui elemento central para conduzir uma análise regional comprometida com a coesão territorial do País e, simultaneamente, com a busca das diferenças e diversidades. (IBGE, 2017: 3)

Segundo essa proposta metodológica, estabelecemos as seguintes Regiões Geográficas Intermediárias do Paraná: Curitiba, Guarapuava, Cascavel, Maringá, Londrina e Ponta Grossa (IPARDES, 2017). É notório, todavia, que os municípios destacados como referências das Regiões Intermediárias são os mesmos que tiveram grande concentração de ocupações, como podemos observar no mapa. A Figura 2

apresenta o mapa das ocupações no estado do Paraná, após a adoção dessa divisão em Regiões Geográficas Intermediárias.

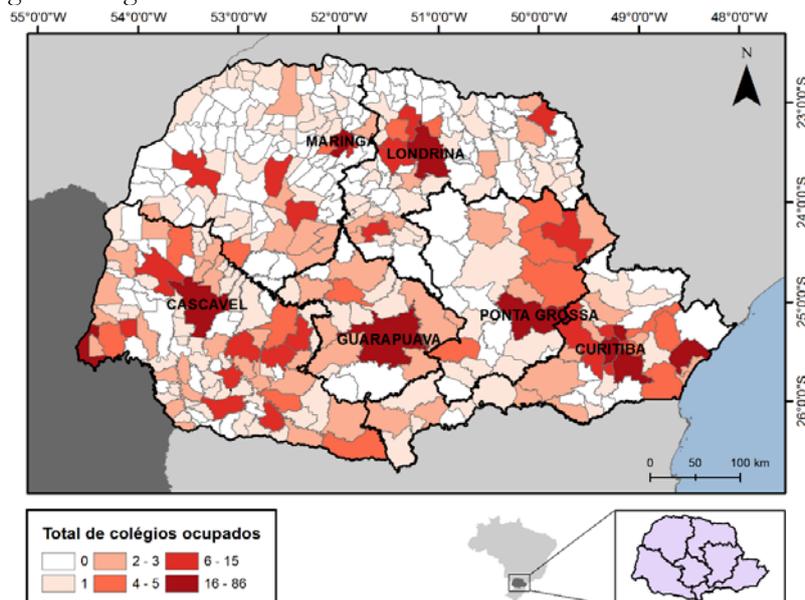


Figura 2: Total de colégios ocupados por município, dividido em Regiões Geográficas Intermediárias

Resultados: um projeto cartográfico das ocupações de estudantes secundaristas em desenvolvimento

A elaboração de mapas sobre as ocupações surgiu com o intuito de inovar na análise de protestos políticos, visto que o uso de recursos cartográficos para análises dos mesmos não é usual na Sociologia. Ademais, a cartografia mostrou-se uma ferramenta potente de identificação de dados acerca do processo de mobilização estudado, traçando um caminho de diálogo interdisciplinar (Bringel, 2007; Porto Gonçalves, 2006).

A Cartografia nos permitiu produzir, neste trabalho, uma síntese visual acerca de dados quantitativos e analisar as ocupações como um processo de mobilização social, e também territorial, em que a própria configuração do estado pode ser compreendida a partir desse referencial, das instituições de ensino ocupadas:

Em sendo assim, os geógrafos assumem a interessante e complementar análise e interpretação dos movimentos sociais – regionais, rurais e urbanos – a partir da ótica do território, considerando que é no território a partir das práticas sociais cotidianas territorializadas e, a partir do território na tomada de consciência da sua condição na cidade que a sociedade civil organizada sob a forma de movimento social, considerado aqui como agente de transformação do espaço, poderá mudar sua condição de existência vigente. (Silva, 2012: 94)

Essa análise é pertinente pois o Paraná foi o estado com o maior número de ocupações de instituições públicas de ensino em 2016.¹ A soma dos colégios e

¹ Segundo publicações da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES, 2016b), este foi o maior processo de mobilização estudantil secundarista da história do país. Em termos quantitativos, as ocupações ultrapassaram, inclusive, dados referentes ao processo de mobilização política dos estudantes secundaristas chilenos, de 2006. Esta comparação não é fácil, no entanto, porque a mobilização para atos de rua no Chile neste período foi maior do que no Brasil em 2016. No entanto, vários fatores aproximam estes dois processos de mobilização, como veremos adiante.

Institutos Federais (838) e Núcleos Regionais de Educação (4) ocupados chegou a 842, segundo dados divulgados pela União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES).

Neste artigo, o primeiro dado analisado foi a relação dos municípios com a quantidade de instituições ocupadas. As ocupações aconteceram em 230 municípios do estado, o que representa 57,6% do total, de 399 municípios, segundo o IBGE. Esses dados nos permitem refletir sobre uma primeira hipótese, de que as ocupações aconteceram de forma descentralizada (Tarrow, 2009, *apud* Araújo/Lima, 2010), no que se refere ao estado do Paraná. Essa descentralização, por sua vez, não ocorreu de maneira homogênea.

Verificou-se, com base neste apontamento, que as ocupações aconteceram, de maneira expressiva, nas cidades com maior população do Paraná. Como é possível observar nas Tabela 1 e Tabela 2, a seguir:

Posição	Município	População
1	Curitiba	1.933.105
2	Londrina	569.733
3	Maringá	423.666
4	Ponta Grossa	351.736
5	Cascavel	328.454
6	São J. Pinhais	323.340
7	Foz do Iguaçu	258.532
8	Colombo	243.726
9	Guarapuava	181.504
10	Paranaguá	154.936

Tabela 1: Os dez maiores municípios do Paraná²

Posição	Município	Ocupações	% Total
1	Curitiba	86	10,3
2	Cascavel	34	3,8
3	Londrina	30	3,6
4	Ponta Grossa	26	3,1
5	Foz do Iguaçu	23	2,7
6	São J. Pinhais	23	2,7
7	Maringá	18	2,2
8	Colombo	17	2,0
9	Paranaguá	17	1,9
10	Guarapuava	16	1,9
Total		290	34,2

Tabela 2: Os dez municípios com maior quantidade de ocupações no Paraná

² A matéria que estabelece um ranking de municípios é de autoria de Yano (2019).

Os maiores municípios do estado representam uma concentração expressiva de ocupações, em que as dez maiores cidades somam 34,2% das instituições de ensino ocupadas, como demonstrado nas tabelas acima. No entanto, a maior parte das ocupações aconteceu em municípios menores, em concentrações também menores, como veremos adiante.

A concentração de ocupações por município foi pequena, pois, em 211 cidades em que houve ocupações, o número de instituições ocupadas foi igual ou inferior a dez. Em porcentagem, isso representa 92,8% das cidades em que houve ocupações e 54,3% do total de ocupações, conforme é possível analisar na Tabela 3:

Frequência de ocupações	Total de municípios	% municípios	% ocupações
0	169	-	-
1	120	53,0	14,0
2	32	14,0	7,6
3	27	11,8	9,6
4	10	4,4	4,8
5	8	3,5	4,8
6	2	0,9	1,4
7	2	0,9	1,7
8	5	2,2	4,8
9	3	1,3	3,2
10	2	0,9	2,4
11	4	1,7	5,2
12	2	0,9	2,9
13	0	-	-
14	0	-	-
15	0	-	-
16	2	0,9	3,8
17	1	0,4	2,0
18	1	0,4	2,1
23	2	0,9	5,5
26	1	0,4	3,1
30	1	0,4	3,6
32	1	0,4	3,8
87	1	0,4	10,3

Tabela 3: Relação entre municípios e ocupações

Podemos afirmar, com base no exposto, que as ocupações aconteceram de forma descentralizada no estado do Paraná, pois a maioria delas aconteceu em pequenas quantidades em cada município. Porém, ao mesmo tempo, verifica-se uma concentração expressiva nas cidades mais populosas do estado, que condizem, por sua vez, com os municípios de referência das Regiões Intermediárias.

Torna-se pertinente, após observar essa dupla constatação, analisarmos as Regiões Intermediárias, a fim de observar a relação das cidades de referência - e

com maior concentração de instituições de ensino ocupadas – com as cidades menores do entorno – que, apesar de menor concentração de instituições ocupadas, constituem parte significativa do contingente ocupado. A Figura 3 representa a quantidade de ocupações em cada uma das Regiões Intermediárias do Paraná:

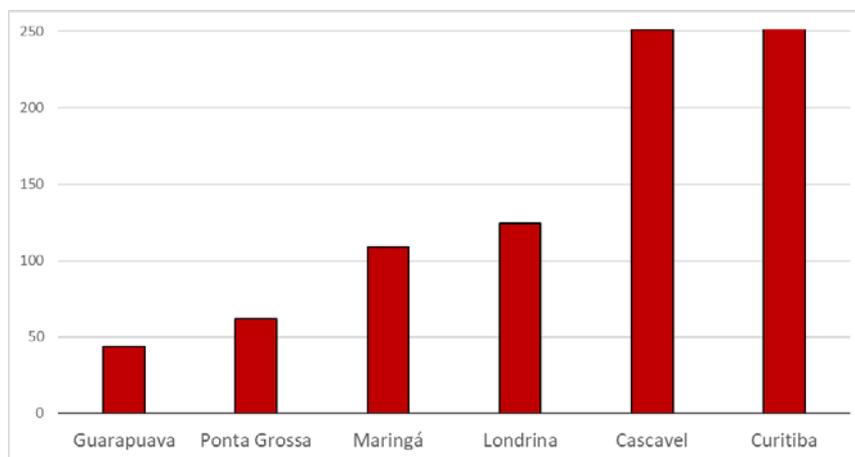


Figura 3: Quantidade de ocupações por Região Geográfica Intermediária do Paraná

Como podemos observar no mapa e novamente no gráfico da Figura 3, a quantidade de ocupações variou bastante nas diferentes Regiões Intermediárias do estado. No entanto, a análise não deve se restringir aos números absolutos, pois quando analisamos as Regiões Intermediárias considerando o percentual de municípios em que houve ocupações, chegamos a conclusões diversas e igualmente potentes.

A Região Geográfica Intermediária de Curitiba se destacou como a que teve maior quantidade de ocupações, com um total de 252 ocupações em 36 municípios, isso representa 80% dos 45 municípios desta região. A RI de Cascavel teve 251 ocupações em 76 municípios, o que representa 76% dos 100 municípios da região. A RI de Londrina teve um total de 124 ocupações, em 42 municípios, representando, assim, 46,7% dos 94 municípios. A RI de Maringá teve 109 ocupações, em 47 municípios, o que equivale a 40,9% dos 115 municípios. A RI de Ponta Grossa teve 62 ocupações, distribuídas em 16 municípios, o que representa 61,5% dos 26 municípios. Por último, a RI de Guarapuava teve 44 ocupações em 15 municípios, o que representa 79% dos 19 municípios da região.

Considerando a proporcionalidade de ocupações por Região Intermediária, chegamos, assim, à seguinte constatação: nas RIs de Curitiba, Guarapuava e Cascavel, houve expressiva proporção de municípios com ocupações; enquanto nas RIs de Londrina, Maringá e Ponta Grossa, esse contingente foi menor. Estabelecemos, portanto, um ponto passível de análise pormenorizada, a dizer, por que a proporção de municípios com ocupações variou tanto? Quais as especificidades das RIs de Curitiba, Guarapuava e Cascavel? Quais elementos das RIs de Londrina, Maringá e Ponta Grossa contribuíram para a menor adesão ao movimento?

Com base na presente análise estabelecemos, ainda, uma divisão representativa do processo de ocupação no estado para, paralelamente, buscarmos ocupantes que se disponibilizaram a ser entrevistadas e entrevistados³, constituindo uma

³ As entrevistas foram organizadas pelo projeto ‘Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016: formação e autoformação das/dos ocupas como sujeitos políticos’, coordenado pelo

amostragem que expresse essa diversidade. A amostra, assim, foi estabelecida com o objetivo de contemplar a narrativa sobre a experiência de ocupantes dos municípios de referência das Regiões Intermediárias, bem como as experiências de jovens que ocuparam instituições de ensino em diversos municípios, em cada uma das Regiões Intermediárias.

Conclusão

Neste trabalho, vimos que desde as Jornadas de Junho de 2013 diversas mobilizações juvenis vêm ganhando notoriedade na política brasileira, e estudantes secundaristas também têm se destacado principalmente pelas ocupações de seus colégios como uma tática política. Em 2015 iniciou-se uma onda de ocupações secundaristas difusas e em 2016 milhares de instituições de ensino foram ocupadas em todo o país, e, destacadamente, no Paraná, contra as propostas educacionais de reforma do Ensino Médio e de congelamento orçamentário.

Os estudos acerca das ocupações secundaristas demonstram a novidade do uso desta tática, até então utilizada pelos trabalhadores fabris e pelos estudantes universitários. Refutamos aqui a análise de que as ocupações foram um movimento ‘espontâneo’. É notório, ao contrário, que as ocupações aconteceram como uma mobilização em ‘rede’, em que o contato entre estudantes de diferentes colégios e o uso das redes sociais e da internet propiciaram a comunicação e divulgação do movimento.

Quando olhamos para o mapa de ocupações no estado do Paraná, torna-se perceptível, ainda, que esse ‘espontaneísmo’ pode ser questionado, pois, ao incorporarmos a divisão de Regiões Geográficas Intermediárias em nosso mapa, percebemos que as ocupações se concentraram nos municípios de referência e nos municípios que os circunscrevem, dando indícios de como esta ‘rede’ se conformou. Concluímos, portanto, que houve a concentração de ocupações nos maiores centros urbanos, mas, ao mesmo tempo, houve uma descentralização de ocupações, dado que, dos 399 municípios do estado, 211 tiveram colégios ocupados.

Estabelecemos uma hipótese acerca desta configuração territorial, em que evidenciamos a presença de universidades nos municípios de referência como fator de difusão da tática ocupação, a ser comprovado em entrevistas com ocupantes.

Encerramos este artigo ao reiterar que explorar a cartografia nos permitiu olhar para o processo de ocupações de maneira profícua e elencar novas hipóteses de pesquisas, decorrentes deste exercício. A interdisciplinaridade, realizada através da aproximação da Sociologia e Geografia, através do uso da Cartografia, em síntese, impulsionou o desenvolvimento desta pesquisa e a definição de uma amostragem representativa. Isso foi possível ao acatarmos as Regiões Geográficas Intermediárias como referências para analisar os territórios, nos quais se inserem os colégios ocupados, pois essas divisões coincidem com a concentração de ocupações em centros urbanos, nos dando pistas de como a difusão da tática ocorreu.

Agradecimentos

Agradeço a Vitor Alberto de Souza pelo auxílio no desenvolvimento do projeto cartográfico e pela apurada revisão do texto. Às Profa. Dra. Ana Luisa Fayet Sallas, Profa. Dra. Simone Meucci, Kamille Brescansin Mattar, Anne Caroline da Rocha de Moraes e Líbia Rany Oliveira Nascimento, agradeço as apreciações sobre a pesquisa. Agradeço ainda ao Prof. Dr. Luis A. Groppo, à Profa. Dra. Adriana Alves

Prof. Dr. Luís A. Groppo, com roteiro a ser aplicado em todo o Brasil, com caráter estruturado e comparativo.

F. Costa e a todas as pessoas que integram a pesquisa nacional sobre ocupações secundaristas de 2015 e 2016.

Referências

- Alonso, Ângela. 2012. “Repertório, segundo Charles Tilly.” *Sociologia & Antropologia* 2 (3): 21-41.
- Alonso, Ângela; Botelho, André. 2012. “Repertórios de ação coletiva e confrontos políticos: entrevista com Sidney Tarrow.” *Sociologia & Antropologia* 2 (3): 11-19.
- Amaral, Marina. 2016. “Jaboti não sobe em árvore: como o MBL se tornou líder das manifestações pelo impeachment.” Em *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*, organizado por I. Jenkins, K. Doria e M. Cleto, 49-55. São Paulo: Boitempo.
- APP-Sindicato. 2016. “Estudantes ocupam escola em Ponta Grossa.” *APP-Sindicato*, 1 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://appsindicato.org.br/estudantes-ocupam-escola-em-ponta-grossa/>>. Acesso em 15 de junho de 2020.
- Araújo, Alex. 2016. “Alunos ocupam escola em BH contra a divisão de salas com colégio da PM.” *G1*, 7 de janeiro de 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2016/01/alunos-ocupam-escola-na-regiao-noroeste-de-belo-horizonte.html>>. Acesso em 23 de setembro de 2020.
- Araújo, Nayra V; Lima, Antônia J. 2010. “Melucci e Tarrow: revisão teórica sobre movimentos sociais.” *Em Pauta* 7 (25): 115-130.
- Barbetta, Pedro. 2002. *Estatística aplicada às Ciências Sociais*. Florianópolis: Ed. UFSC.
- Babbie, Earl. 1999. *Métodos de pesquisas de survey*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Becker, Stuart H. 1993. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec.
- Bradock, Raul. 2016. “Mato Grosso tem 22 escolas ocupadas.” *Cinco Mato Grosso*, 8 de junho de 2016. Disponível em: <<http://circuitomt.com.br/editorias/cidades/87270-mato-grosso-tem-22-escolas-ocupadas.html>> (acesso em 23 de setembro de 2020).
- Bringel, Breno. 2007. “O lugar nos movimentos sociais e o lugar da geografia na teoria dos movimentos sociais”, *Boletim Goiano de Geografia* 27 (2): 35-49.
- Bringel, Breno, 2011. “A busca de uma nova agenda de pesquisa sobre os movimentos sociais e o confronto político: diálogos com Sidney Tarrow.” *Política & Sociedade* 10 (18): 51-73.
- Bringel, Breno. 2012. “Com, contra e para além de Charles Tilly.” *Sociologia & Antropologia* 2 (3): 43-67.
- Campos, Antonia; Medeiros, Jonas; Ribeiro, Márcio. 2016. *Escolas de luta*. São Paulo: Veneta.
- Carlos, Euzenía. 2017. “Cooperação e conflito na relação movimentos sociais e estado.” *Política & Sociedade* 16 (35): 321-350.
- Castells, Manuel. 2013. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. São Paulo: Zahar.
- Costa, Adriana; Groppo, Luís Antônio. 2018. *O movimento de ocupações estudantis no Brasil*. São Carlos: Pedro & João.
- Davis, Angela. 2016. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo.
- Dayrell, Juarez; Carrano, Paulo. 2014. “Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chega à escola?” Em *Juventude e Ensino Médio*, organizado por J. Dayrell, P. Carrano, C.L. Maia, 101-134. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Didi-Huberman, Georges. 2016. *Que emoção! Que emoção?* São Paulo: Editora 34.
- ESRI. 2011. *ArcGIS Desktop: Release 10*. Redlands, CA: Environmental Systems Research Institute.
- Garbin, Estevão; Santil, Fernando; Bravo, João V. 2012. “Semiótica e a teoria da visualização cartográfica: considerações na análise do projeto cartográfico.” *Boletim de Ciências Geodésicas* 18 (4): 624-642.
- Groppo, Luís A.; Silva, Rodrigo. 2020. “Experiência e subjetivação política nas ocupações estudantis no Rio Grande do Sul.” *Estudos Avançados* 34 (99): 409-424.
- Hoshino, Camila. 2016. “Por falta de merenda, estudantes secundaristas ocupam primeiro colégio no Paraná.” *Brasil de Fato*, 18 de maio de 2016. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2016/05/18/por-falta-de-merenda-estudantes-secundaristas-ocupam-primeiro-colegio-no-parana/>>. Acesso em 23 de setembro de 2020.

- IBGE. 2017. *Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias*. Rio de Janeiro: Coordenação de Geografia.
- IPARDES. 2017. *Mapa das Regiões Geográficas Intermediárias do Estado do Paraná*. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base_fisica/regiao_intermediaria_2017.png>. Acesso em 13 de abril de 2020.
- Loschi, Marília; Ferreira, Diane. 2017. “Compreendendo o território através de suas articulações”. *Agência IBGE Notícias*, 29 de junho de 2017. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/10542-compreendendo-o-territorio-atraves-de-suas-articulacoes>>. Acesso em 20 de junho de 2020.
- Martins, Heloisa H. 2004. “Metodologia qualitativa de pesquisa.” *Educação e Pesquisa* 30 (2): 289-300.
- Mascarello, Marcela; Santos, Caio; Barbosa, André. 2018. “Mapas... Por quê? Por quem? Para quem?”. *Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais* 7 (1): 126-141.
- Mattar, Kamille B. 2019. “Entre vilas: a sociabilidade juvenil como produtora de sentidos em um colégio na periferia de Curitiba.” Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Sociologia, no Departamento de Ciências Sociais, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná.
- Melucci, Alberto. 1996. “A experiência individual na sociedade planetária.” *Lua Nova* 36: 199-221.
- Novaes, Regina. 2013. *Juventude: políticas públicas, conquistas e controvérsias*. Brasília.
- O Mal-Educado. 2015. “Como ocupar um colégio?” *O Mal-Educado: Luta e Organização nas Escolas*, 21 de outubro de 2015. Disponível em <<https://gremiolivre.wordpress.com/2015/10/21/como-ocupar-um-colegio-versao-online/>>. Acesso em 20 janeiro de 2020.
- Pacheco, Carolina Simões. 2018. “Ocupar e resistir: as ocupações das escolas públicas como parte do ciclo atual de mobilização juvenil no Brasil.” Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Departamento de Ciências Sociais, Setor de Ciências Humanas. Universidade Federal do Paraná.
- Peralva, Angelina. 2019. “Conflito e movimentos sociais no acionalismo de Alain Touraine”, *Lua Nova* 106: 160-194.
- Porto Gonçalves, Carlos W. 2006. “A geograficidade do social: uma contribuição para o debate metodológico sobre estudos de conflito e movimentos sociais na América Latina.” *Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros* 1 (3): 5-26.
- Reguillo, Rossana. 2017. *Paisajes insurrectos: jóvenes, redes y revueltas en el otoño civilizatorio*. Barcelona: NED ediciones.
- Sacchet, Teresa. 2009. “Capital social, gênero e representação política no Brasil.” *Opinião Pública* 15 (2): 306-332.
- Santos, Milton. 1997. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp.
- Schmidt, Maria A.; Divardim, Thiago; Sobanski, Adriane. 2016. *#OcupaPR2016: memórias de jovens estudantes*. Curitiba: W.A. Editora.
- Silva, Katielle. 2012. “Contribuição teórica da geografia à compreensão dos movimentos sociais urbanos.” *Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais* 1 (1): 86-98.
- Silva, João Paulo S.; Mei, Danielle. S. 2017. “O que aprendemos das ocupações nas escolas em 2015 e 2016?” Em *Anais XIII Congresso Nacional da Educere*, 12973-12986. Curitiba: Editora Universitária Champagnat.
- Singer, André. 2013. “Brasil, junho de 2013: classes e ideologias cruzadas.” *Novos Estudos CEBRAP* 97: 23-40.
- Steiner, Andrea. 2011. “O uso de estudos de caso em pesquisas sobre política ambiental: vantagens e limitações.” *Sociologia & Política* 19 (38): 141-158.
- Stocco, Aline F.; Moraes, Lívia G. 2018. “Ocupações secundaristas no Espírito Santo.” Em *O movimento de ocupações estudantis no Brasil*, organizado por A. Costa e L.A. Groppo, 225-262. São Carlos: Pedro & João.
- Thompson, Edward. 1981. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar.
- UBES. 2016a. “Luta secundarista resiste nas 236 escolas ocupadas em todo Brasil.” *União Brasileira dos Estudantes Secundaristas*, 15 de junho de 2016. Disponível em <<http://ubes.org.br/2016/luta->

secundarista-resiste-nas-236-escolas-ocupadas-em-todo-brasil/>. Acessado em 23 de setembro de 2020.

UBES. 2016b. “UBES divulga lista de escolas ocupadas e pautas das mobilizações.” *União Brasileira dos Estudantes Secundaristas*, 11 de outubro de 2016. Disponível em <<http://ubes.org.br/2016/ubes-divulga-lista-de-escolas-ocupadas-e-pautas-das-mobilizacoes/>>. Acessado em 20 de junho de 2020.

Vidrio, Silvia. 2016. “El papel de las emociones en la conformación y consolidación de las redes y movimientos sociales.” Em *Emociones, afectos y sociología: diálogos desde la investigación social y la interdisciplina*, organizado por M. Ariza, 399-440. México, D.F.: Instituto de Investigaciones Sociales, UNAM.

Quivy, Raymond. 2005. *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Ed. Gradiva.

Wacquant, Loïc. 2002. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Yano, Celio. 2019. “10 cidades concentram 42% da população do PR: veja o ranking das mais populosas.” *Gazeta do Povo online*, 29 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/parana/populacao-maiores-menores-cidades/>>. Acessado em 16 de julho de 2020.

Ximenes, Salomão B.; Braz, Marina. A.; Ribeiro, Dillyane.; Sena, Kaliane E. M.; Abreu, Leticia R.; Araújo, Francimara C. 2018. “Ao vivo é muito pior: direitos, resistência e repressão aos estudantes nas ocupações de escolas no Ceará.” Em *O movimento de ocupações estudantis no Brasil*, organizado por A. Costa e L.A. Groppo, 145-174. São Carlos: Pedro & João.